



HAL
open science

Guia metodológico - Projeto GENgiBRe

Isabelle Hillenkamp, Héloïse Prévost, Clara Teixeira Ferrari, Elisabeth Maria Cardoso, Glaucia dos Santos Marques, Hélène Guetat-Bernard, Irene Maria Cardoso, Isabelle Guérin, Liliam Telles, Maria Alice F. C. Mendonça, et al.

► **To cite this version:**

Isabelle Hillenkamp, Héloïse Prévost, Clara Teixeira Ferrari, Elisabeth Maria Cardoso, Glaucia dos Santos Marques, et al.. Guia metodológico - Projeto GENgiBRe. 2022. ird-03940375

HAL Id: ird-03940375

<https://ird.hal.science/ird-03940375>

Preprint submitted on 16 Jan 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - ShareAlike 4.0 International License

Projeto GENgiBRe

“Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil”

Guia metodológico



Julho 2022



Este Guia metodológico é o resultado de muitas discussões teóricas, práticas e políticas entre a equipe do projeto GENgiBRe durante o período de março de 2021 a fevereiro de 2022. É, portanto, o resultado de um trabalho de muitas mãos! Agradecemos, especialmente, as contribuições de: Alair Ferreira de Freitas, Clara Teixeira Ferrari, Elisabeth Maria Cardoso, Glaucia dos Santos Marques, Hélène Guétat-Bernard, Héloïse Prévost, Irene Maria Cardoso, Isabelle Guérin, Isabelle Hillenkamp, Liliam Telles, Luana de P. S. e Figueiredo, Maria Alice F. C. Mendonça, Miriam Nobre, Natália Lobo, Roberta Cardoso, Sarah Luiza de Souza Moreira e Sheyla Saori Iyusuka.

Organização: Isabelle Hillenkamp.

Revisão: Héloïse Prévost.

Revisão linguística: Thalita Rody.

@Copyleft. Liberdade para usar, estudar, copiar e compartilhar esse Guia com outros.

Sumário

Introdução 5

Nível 1 – Nos espaços de vida e de trabalho das agricultoras 8

Etnomapeamento feminista 9

1 Apresentação 9

2 Roteiro..... 11

Questionário socioeconômico com a agricultora..... 21

1 Apresentação 21

2 Roteiro..... 22

Questionário socioeconômico com homem da casa 27

1 Apresentação 27

2 Roteiro..... 28

Entrevista semiestruturada com a agricultora 33

1 Apresentação 33

2 Roteiro..... 34

Entrevista semiestruturada com homem da casa..... 37

1 Apresentação 37

2 Roteiro..... 38

Nível 2 – Nos territórios vividos pelas agricultoras..... 41

Rio da Vida do Território.....	42
1 Apresentação.....	42
2 Roteiro.....	43
Cartografia Socioambiental Feminista	46
1 Apresentação.....	46
2 Roteiro.....	47
Mapa “Corpo-Território”	50
1 Apresentação.....	50
2 Roteiro.....	51
Nível 3 – Nos espaços de construção dos territórios	54
1 Apresentação.....	55
2 Roteiro.....	56
3 Especificação adicional por instrumento	57

Introdução

O projeto de pesquisa GENgiBRe, “Relação com a natureza e igualdade de gênero. Uma contribuição à teoria crítica a partir de práticas e mobilizações feministas na agroecologia no Brasil” visa compreender a relação que agricultoras agroecológicas constroem com a “natureza” e o papel que esta relação pode desempenhar em seu engajamento em defesa do território e contra diversas formas de discriminação. Envolve uma equipe franco-brasileira que reúne pesquisadoras, professores/as universitários, técnicas e ativistas que atuam no campo da agroecologia e do feminismo desde diferentes perspectivas teóricas e políticas e organizações, acadêmicas e da sociedade civil¹. O projeto é desenvolvido junto a grupos e coletivos de mulheres organizados entorno à agroecologia nos municípios de Barra do Turvo, Itaoca e Peruíbe (Vale do Ribeira, SP) e de Simonésia, Divino e Acaiaca (Zona da Mata, MG)².

O projeto GENgiBRe se enquadra na teoria crítica ou ciência emancipatória: visa produzir conhecimentos que contribuam para as mobilizações feministas e agroecológicas, na intersecção entre a universidade, a sociedade civil organizada e os poderes públicos interessados.

Situa-se numa abordagem *crítica* do conhecimento como expressão de relações de poder; e numa concepção *pragmatista* do conhecimento como resultado de operações primeiramente práticas, que envolvem comunidades de pesquisadorxs, acadêmicxs e não acadêmicxs. Distancia-se da concepção formal dominante do conhecimento como resultado supostamente neutro de operações abstratas de raciocínio. Ao contrário, na epistemologia crítica e pragmatista, a pesquisa de campo e sua metodologia estão no centro do processo de construção e socialização do conhecimento. A definição do método de pesquisa, portanto, merece um cuidado especial e constitui um resultado importante da mesma. É também um processo iterativo, que parte de instrumentos existentes, criados por outras comunidades de pesquisadorxs com objetivos similares, e que são ajustados para novos fins. Assim, no projeto GENgiBRe, nós baseamos em instrumentos importantes desenvolvidos no campo do feminismo e da agroecologia, como o Mapa da Sociobiodiversidade³, o Rio da vida⁴ e a Cartografia social feminista⁵. Neste sentido, este Guia apresenta os novos instrumentos desenvolvidos no

¹ O IRD-Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento da França, a UFV-Universidade Federal de Viçosa, o CTA/ZM, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, a SOF-Sempreviva Organização Feminista e a Universidade de Toulouse (França).

² Ver a apresentação do projeto na página www.gengibre.org

³ <https://ctazm.org.br/bibliotecas/guia-metodologico-da-caderneta-agroecologica-294.pdf>

⁴ Esta metodologia foi experimentada originalmente em programas de formação coordenados pelo Grupo de Trabalho “Gênero e Agroecologia da região sudeste” do Brasil, no período de 2001 a 2003, e é apresentada em Weitzman, Rodica, “Técnicas de Educação Popular para grupos e comunidades”, 2001, no prelo, p. 42.

Ver também sua mobilização em: Moreira Sarah Luisa, Ferreira Ana Paula & Siliprandi Emma (2018). “Memórias das mulheres na agroecologia do Brasil”. In G. Zuluaga Sánchez, G. Catacora-Vargas, & E. Siliprandi (Eds.), *Agroecología en femenino. Reflexiones a partir de nuestras experiencias* (pp. 61-74). La Paz, Bolivia: SOCLA, CLACSO.

⁵ Egger Daniela, Jalil Laeticia et Castro Emanuela (org.) (2017), *No tempo das mulheres: a experiência da cartografia feminista no contexto da assistência técnica rural*, Recife, UFRPE/UAST et al.

projeto GENgiBRe, para uso da equipe do projeto e de outras comunidades de pesquisadorxs interessadxs.

Chamamos de “pesquisação” a abordagem que consiste em colocar a construção do conhecimento (pesquisa) a serviço da mudança social (ação). Esta articulação é construída de muitas maneiras, desde a constituição da nossa equipe, as interações com as atrizes e atores sociais durante a pesquisa, as atividades coletivas, até as formas de compartilhar e debater os resultados. A definição dos instrumentos desempenha um papel destacado na articulação da pesquisa e da ação através de formas, particularmente gráficas (desenhos, mapas, esquemas) que são usadas para construir os conhecimentos e que possibilitam socializa- e debate-los.

Para a definição desses instrumentos, distinguimos três níveis de observação: 1) o nível do espaço de trabalho e vida de cada agricultora e das relações, particularmente familiares e comunitárias, que o atravessam; 2) o nível dos territórios vividos pelas agricultoras organizadas em coletivos (em geral, o nível comunitário a municipal, com possíveis incursões em espaços mais amplos); 3) as escalas mais amplas (regional, nacional, até internacional) onde a construção desses territórios acontece (por ex. através da regulamentação do Estado, da ação de empresas, da organização de movimentos sociais, etc.). Cada nível tem seus próprios interlocutorxs e instrumentos de pesquisa individual ou coletiva.

- No primeiro nível, usamos três instrumentos: um *Etnomapeamento feminista*, que é elaborado a partir de uma caminhada pelo espaço de vida e trabalho da agricultora, e visibiliza sua relação afetiva com esse espaço, seus manejos agrícolas, seus conhecimentos e sua produção, considerando a divisão sexual desse espaço e os fluxos econômicos que o atravessam; um *questionário socioeconômico*; e uma *entrevista*. Para entender os papéis femininos e masculinos e as relações de gênero dentro do espaço, é importante que o questionário e a entrevista sejam aplicados com a agricultora e com um “homem da casa” (se houver), em geral seu companheiro.
- O segundo nível também se baseia em três instrumentos, que são aplicados junto com os coletivos de agricultoras: um *Rio da vida do território*, que reconstrói as trajetórias pessoais e coletivas das agricultoras relacionadas aos problemas socioambientais do território e às suas respostas; uma *Cartografia socioambiental feminista*, que mapeia esses problemas e as respostas no território; e um *mapa “Corpo-Território”*, que reflete como esses processos são sentidos pelas agricultoras a partir do próprio corpo e da relação entre o corpo e o território (os efeitos do trabalho, as consequências de danos ambientais, os afetos e as dinâmicas ligadas ao empoderamento).
- O terceiro nível aborda os espaços mais amplos de construção do território a partir de um guia de *observação* usado em reuniões ou eventos; de um roteiro de *entrevista* semi-estruturada com interlocutores-chave; e de um guia de *coleção documentária*.

A questão da relação com a natureza situa-se **na intersecção destes três níveis**: uma relação construída coletivamente, através de projetos, mobilizações, resistências e outros tipos de respostas aos problemas e conflitos socioambientais do território, eles próprios produzidos em diferentes escalas; e uma relação vivida pessoalmente por mulheres e homens, através do trabalho agrícola, do cuidado, da alimentação, da cozinha e dos gestos e tarefas da vida cotidiana.

A apresentação a seguir dos instrumentos de pesquisa é organizada por nível de análise. Para cada instrumento, respondemos as perguntas básicas de “o quê”, “para quê”, “como fazer” e “como registrar” e detalhamos o roteiro. A ordem de exposição corresponde a uma possível ordem de aplicação dos instrumentos dentro de cada nível. Já entre os três níveis, não há uma ordem específica de aplicação dos instrumentos: os níveis podem ser intercalados de acordo com o processo específico da pesquisa e com as relações com as atrizes e os atores locais.

Dentro do primeiro nível, começar com o *Etnomapeamento feminista* é interessante uma vez que permite a imersão no mundo da agricultora, o que muitas vezes traz à tona testemunhos importantes, inclusive sobre questões sensíveis, como a violência de gênero. Assim, é muitas vezes durante esta caminhada, e particularmente no espaço-chave do quintal, que a agricultora “responde” espontaneamente algumas perguntas da entrevista, que ainda não foram feitas. Durante a entrevista, a equipe de pesquisa pode então simplesmente completar as respostas. No segundo nível, a ordem de aplicação dos instrumentos depende muito do grau de organização das agricultoras e do grau de aproximação da equipe. Começar com o Rio da Vida pode ser uma base interessante para reconstruir e compartilhar uma história comum e logo aplicar os outros instrumentos. No terceiro nível, a ordem da aplicação dos instrumentos é flexível, em função ao acesso à documentação, às oportunidades de observação e de entrevista e à progressão da análise do contexto.

Finalmente, a sistematização dos dados em tempo real da pesquisa é importante para refinar as perguntas a partir de uma compreensão fina do contexto e para evitar a repetição de perguntas que já tenham sido respondidas. O método do Círculo de Cultura⁶, no qual cada membro da equipe socializa suas impressões do campo, ajuda a identificar as principais perguntas ou características e as questões-chave para a próxima fase da pesquisa. Esta socialização pode ser realizada até dentro do carro, no trajeto de volta da casa da agricultora ou da atividade. As impressões podem ser gravadas em áudio, para facilitar a sistematização posterior.

Boa leitura!

⁶ Método desenvolvido por Paulo Freire, que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo. Apresentação sintética disponível em: <https://eventos.ifpb.edu.br/index.php/v-enex/index/pages/view/c%C3%ADrculos%20de%20cultura>

Nível 1 – Nos espaços de vida e de trabalho das agricultoras



Etnomapeamento feminista

1 Apresentação

1.1 O quê?

Um instrumento composto e potente, que inclui:

- uma caminhada transversal pelo espaço de vida e trabalho da agricultora;
- um “desenho” deste espaço do ponto de vista da agricultora;
- a qualificação dos tempos e das relações de afeto e espiritual da agricultora com a natureza nesse espaço;
- a qualificação das relações de gênero no nível intrafamiliar, através da divisão sexual do trabalho e do espaço;
- um levantamento dos fluxos econômicos (ou “ecológico-econômicos”) dentro do espaço e para fora.

O Etnomapeamento constitui uma representação *emic*⁷ da agricultora, através dos nomes e limites entre os subespaços usados por elas, dos seus respectivos tamanhos, das lógicas ou atribuições específicas (espaços de trabalho, lazer, de cuidados, estético, afetivo, espiritual...), da diversidade vegetal e animal percebida por ela.

O produto pode ser chamado de “desenho” (mais do que “mapa”), pois não pretende levar em conta as escalas e proporções exatas. É a própria representação da agricultora e não uma representação padronizada.

A equipe pode intervir se a agricultora tiver dificuldades com este tipo de representação. As vezes também outra pessoa da família intervém (seja convidada ou não!). Neste caso o desenho será uma mistura de pontos de vista e será necessário registra-lo.

1.2 Para quê?

O Etnomapeamento feminista permite um primeiro nível de percepção da relação da agricultora com a natureza, mediada pelo trabalho e pelos conhecimentos, técnicas e práticas agrícolas. Dá acesso à forma como a agricultora concebe seu próprio espaço de vida e trabalho. E a base para entender que relação ela estabelece com seu ambiente imediato.

Além disso, as relações intrafamiliares de gênero são um fator explicativo dos espaços de autonomia *versus* as limitações das mulheres, muitas vezes ligadas a relações afetivas ou espirituais associadas a lugares específicos.

⁷ *Emic* e *etic* referem-se a dois tipos de pesquisas de campo e pontos de vista: *emic* diz respeito à pesquisa de dentro do grupo social (ponto de vista do sujeito) e *etic*, de fora (ponto de vista do observador).

Os fluxos econômicos internos e externos mostram a dinâmica do espaço do trabalho e vida em sua relação com o entorno imediato (ex. fluxos recíprocos com vizinhos, parentes, etc.) e mais além (ex. mercados, varejistas). Ajudam a compreender as relações econômicas que mantêm ou, pelo contrário, destroem a relação das agricultoras com a natureza.

Finalmente, o instrumento permite a visualização de problemas socioambientais que podem existir no nível local (ex. conflitos por água ou uso de agrotóxicos com vizinhos). Em forma geral, o Etnomapeamento feminista é um instrumento de pesquisa que visibiliza e propicia a reflexão sobre vários temas, desde a organização da produção, da diversificação, as relações econômicas e a divisão sexual do espaço e do espaço e os problemas socioambientais.

1.3 Como fazer?

- A visita inicia-se com a caminhada transversal e continua com o desenho do espaço de trabalho e vida. A partir deste ponto, a ordem das perguntas restantes (qualificação dos tempos e dos afetos/espiritualidade; das relações de gênero; e dos fluxos econômicos) é flexível.
- Para além das perguntas do roteiro (ver abaixo), a caminhada e a elaboração do desenho são momentos propícios para depoimentos espontâneos da agricultora, que é importante registrar.
- Durante a caminhada, são tomadas fotos dos sub-espços (quintal, horta, roça, galinheiro, cozinha), mostrando a produção, técnicas e manejos específicos.
- Equipe: dupla de ciências agrárias (conduz a caminhada) e ciências sociais (anota e toma fotos).
- Pedir autorização para gravar. A gravação é usada para reouvir algumas respostas e para recuperar citações.
- Material: gravador, 1 cartolina dupla, 3 tarjetas A4 de papel colorido, lapiz com borracha, canetas de cor, adesivos, máquina fotográfica.
- Duração aproximada: 1 dia ½ (1 período caminhada, 1 período desenho e qualificação, 1 período fluxos e fechamento).

1.4 Como registrar

- Caminhada transversal: relatório respondendo às perguntas do roteiro na base de notas, gravação e registro fotográfico.
Formato dos dados: .doc, mp3, jpeg.
- Desenho do espaço de trabalho e vida: fotografias após cada etapa (foto geral, detalhes...), relatório respondendo às perguntas do roteiro e registro dos fluxos econômicos em tabelas de Excel (ver padrão).
Formatos dos dados: .doc, mp3, jpeg, xls.

Obs.: opção de sistematizar os fluxos adaptando o método LUME⁸ para servir na devolutiva com as agricultoras.

⁸ DE SOUZA RAMOS, Carlos Henrique (org.) 2019. *Lume: aplicação da metodologia Lume em agroecossistemas familiares assessorados pelo Pró-Semiárido*. Salvador: Vento Leste.

2 Roteiro

2.1 Caminhada transversal

Caminhamos pelo espaço de vida e trabalho da agricultora. Ao iniciar a caminhada, explicamos os espaços – incluída a cozinha e alguns espaços que podem estar fora da propriedade, por ex. espaços colheita de plantas selvagens - e os manejos que estamos interessadas em conhecer. Depois, deixamos a agricultora livre de nos conduzir, interagindo a partir da sua fala e do nosso roteiro, selecionando as perguntas a reforçar em função de cada espaço.

Obs.: as perguntas orientadoras que seguem têm o objetivo de ajudar a aprofundar cada tópico, mas não devem ser lidas. A forma de fazer as perguntas deve ser sempre contextualizada. A ordem pode variar. Podem surgir temas importantes não previstos no roteiro e para isso, pode ser importante deixar também uns momentos de silêncio.

1. Organização dos cultivos

Como você cultiva – por exemplo, em linha, espalhado, misturado, em consórcio, em agrofloresta? Por que você organiza assim? Como escolhe o que vai plantar e onde vai plantar? Tem algo que gosta mais de plantar e cuidar? Porquê?

2. Manejo do solo

Como você conhece o solo? Como o descreve (ex. macio, argiloso, gostoso, seco, gordo...)? Como percebe se o solo é bom? Como você prepara o solo? O que você usa de adubação? De cobertura? Usa análise de solo?

3. Percepção e manejo das árvores

Quais são os conhecimentos sobre as árvores? Como é feito o manejo nas árvores, seja no pomar, na agrofloresta, na mata? Quais são os critérios? Como você percebe a influência das árvores/matras/capoeira na produção e no espaço de trabalho e vida?

4. Irrigação

Faz algum tipo de irrigação? Como? Da onde vem a água? Como que é a água aqui (quantidade e qualidade)? Qual quantidade de trabalho envolvida para manter a quantidade e qualidade da água necessária?

5. Criação animal

Que animais são criados e quantos? Como é a alimentação dos animais? E o cuidado com eles, em particular o controle de doenças? A produção animal se integra com a agrícola e de que forma?

6. Produção e uso de insumos agrícolas

Que tipo de sementes, mudas, adubos ou outros tipos de insumos você usa? São produzidos e guardados por quem?

7. Controle de doenças e infestações dos vegetais

Você tem algum problema de plantas que competem, insetos (ex. formigas)? Como você lida com isso?

8. Plantas medicinais, coleta e extração

Você cultiva ou coleta plantas medicinais? Coleta ou extrai alguns outros elementos (ex. sementes, argila, solo para substrato de mudas, casca de árvores, madeira)? Como você aproveita estes elementos (ex. tintura, chá, xarope, pomada, emplasto com plantas medicinais ou outros)?

9. Alimentação

Quais receitas você faz no dia e dia? E quando vem visita? Da onde tira os ingredientes? Quando o alimenta dá muito, como faz para não estragar (doces, polpa congelada, conservas, farinhas, carne seca/de lata...)?

2.2 Desenho do espaço de trabalho e vida

Introduzir explicando que o importante é conhecer a percepção da agricultora sobre os espaços e não a escala ou localização exatas. Pedir para a agricultora desenhar seu espaço de trabalho e vida na cartolina dupla. Se for difícil, a equipe pode começar o desenho representando a casa, ou a estrada, ou o quintal, um rio, para quebrar a representação do papel branco.

- Delimitando os subespaços (ex. casa, cozinha, horta, quintal, roça...) relevantes para ela, com os nomes que costuma usar.
- Indicando as infraestruturas (ex. estufa, caixa d'água e "mediadores de fertilidade" como compostagem e minhocário) que ela acha relevantes.
- Indicando a diversidade vegetal e animal relevante para ela em cada espaço

Obs. parte da informação sobre diversidade poderá ser adiantada pela equipe a partir das anotações da caminhada transversal. Por outro lado, **não há necessidade de um levantamento exaustivo** (apenas o que for relevante para a agricultora). São usadas as categorias (ex. verduras, legumes, frutas, temperos, animais, plantas medicinais, flores...) e os nomes indicados pela agricultora.

A equipe anota ainda:

- A divisão dos espaços usada pela agricultora (caso não ficou explícito no desenho)
- Como foi fazer o desenho: quem estava presente, se houve ajuda ou "interferência" da equipe ou de outra pessoa (filha, marido...) e como e se a agricultora achou que foi fácil/difícil, bom ou ruim e por quê.

2.3 Tempos e afetos/espiritualidade

As seguintes perguntas são feitas acima do desenho.

1. Quais espaços você passa mais tempo? E quais passa menos tempo?

Estes espaços serão sinalizados no desenho mediante símbolo de relógio.

2. Por que os espaços que você passa mais tempo são nesse local?

3. Qual espaço você se sente mais próxima à “natureza”? Por que?

Obs. esta pergunta deverá ser formulada de **forma contextualizada**. Tentar perceber ao longo da caminhada o que a natureza significa para a pessoa: terra, plantas, árvores/mato, animais, águas, afetos, espiritualidade, recurso?...

4. Tem algum espaço, algum uso das plantas ou outra prática que tem uma importância afetiva ou espiritual para você?

5. Tem algum espaço que você se sente mais / menos confortável? Por quê?

2.4 Relações de gênero (divisão sexual do trabalho e do espaço)

Para cada espaço do desenho, qualificamos junto com a agricultora:

- A quantidade de trabalho dela e do companheiro (ou outra(s) pessoas da casa) usando 0, 1, 2 ou 3 adesivos de enxadas de cores diferentes.
- O grau de decisão dela e do companheiro (ou outra(s) pessoas da casa) usando 1 adesivo de ícone feminino e/ou masculino.

Além disso, perguntamos:

1. Quais trabalhos você mais gosta de fazer?
2. Quais trabalhos você não gosta de fazer?
3. [Nos espaços onde a agricultora tem protagonismo de trabalho e/ou de decisão] Por que você é responsável pelos trabalhos / pela decisão?
4. [Nos espaços onde o protagonismo de trabalho é compartilhado] Você considera a divisão de tempos e funções é justa? Senão, o que você faria diferente?

2.5 Fluxos econômicos

Esta parte tem como objetivo especificar os fluxos econômicos (ou “ecológico-econômicos”) internos e externos ao espaço de trabalho e vida.

Obs. Aqui, o espaço de trabalho e vida é considerado do ponto de vista de um agroecossistema.

Os fluxos internos correspondem:

- Ao autoconsumo de alimentos pela família (registrado com setas de cor amarela)
- Aos produtos de um subsistema que viram insumos para outro (ex.: palha do milho usada como cobertura de solo na horta; são registrados com setas de cor laranja).

Os fluxos externos correspondem às entradas e saídas do espaço de trabalho e vida. Distinguimos estes fluxos por *tipo de relação econômica* (ou “princípio de integração econômica” segundo Karl Polanyi⁹).

- Relação de *mercado* (folha A4 “Mercado” colada em baixo do desenho para ter espaço de fazer as anotações, setas de cor azul)

⁹ Polanyi, Karl, *A Grande Transformação. As Origens de Nossa Época*. Leya, 2013. Ver o capítulo 4.

- Relação de *reciprocidade* (uma relação de mão dupla, com algum grau de horizontalidade) (folha A4 “Troca e Doação” colada à esquerda do desenho, setas de cor vermelha)
- Relação de *redistribuição* (uma relação centro-periferia, com um grau de verticalidade) (folha A4” Distribuição” colada à direita do desenho, setas de cor verde)

Observações:

- As relações econômicas podem envolver pessoas ou organizações (ex. Estado, empresa, igreja...)
- As relações econômicas reais costumam corresponder a mais de um dos ideais-típicos acima. Identificar o tipo dominante nas folhas nas bordas do desenho e incluir uma qualificação mais precisa no registro final se for preciso.
- O princípio de *householding* (4º princípio de integração econômica segundo Polanyi) é visível nos fluxos internos.
- Temporalidade dos fluxos (internos e externos): a princípio, os fluxos atuais, mas pode incluir elementos de fluxos passados na medida que persistem até hoje (ex. cisterna de programa público que segue sendo usada).
- Nível de detalhamento dos fluxos externos: é importante identificar de que subsistemas saem para poder analisar, em particular, se são “femininos” ou “masculinos”.

Modo operacional

1/ Fluxos internos

Perguntamos pelas saídas e entradas de cada subsistema identificado previamente (elaboração do desenho). Uma pessoa **da equipe** (não a própria agricultora) desenha uma única seta entre os dois subsistemas e outra pessoa da equipe qualifica o fluxo no caderno de anotação, elencando os produtos (possibilidade de usar matriz de entrada e saída, ver formato abaixo).

Obs.: os fluxos são, pelo tanto, documentados em dois lugares: no desenho (setas) e no caderno de anotação (matriz).

2/ Fluxos externos

- Equipe levanta os nomes das pessoas ou organizações com as quais há uma relação econômica (ex. Mercado: PAA, rede de comercialização, sindicato, mercado X; Troca e Doação: vizinhos e parentes; Distribuição: projeto X, governo municipal). Escrever os nomes nas folhas correspondentes na borda do desenho, agregando as organizações quando for preciso (ex. mercado de compra de alimentos, sem distinguir as lojas).
- Uma pessoa da equipe desenha as setas entre os subsistemas e estas organizações ou pessoas e outra pessoa da equipe anota os produtos correspondentes no caderno.

Obs.: pode ser preciso simplificar alguns dados, por ex. anotar apenas os principais produtos comprados do mercado ou agrupar produtos (ex. verduras da horta). O objetivo é ter um dado bastante detalhado para entender o grau de autonomia econômica e descrever as relações econômicas da família, distinguindo o feminino e o masculino.

Reflexão final:

1. Quantificação (aproximação): Quais relações econômicas você considera mais importantes? Por quê?
2. Quem é envolvido nestas relações (você, seu companheiro, ...)? E quem recebe ou decide sobre uso do seu retorno (autonomia dentro da família)?
3. Você acha que estas relações econômicas (as principais) são justas.? Ex. preço do mercado, troca de dias...

Matriz de entradas e saídas dos fluxos internos

Escrever os nomes dos subsistemas, incl. a cozinha (!) na 1ª coluna e na 1ª linha. Cada nome aparece 2 vezes. Qualificar os fluxos (nomes dos produtos, alguma outra informação) nas respectivas caixas.

Sai/Entra											

Matriz de entradas e saídas dos fluxos de Mercado

Escrever os nomes dos mercados e dos subsistemas relacionados na 1ª coluna e na 1ª linha. Qualificar os fluxos (nomes dos produtos, alguma outra informação) nas respectivas caixas.

Sai/entra											

Matriz de entradas e saídas dos fluxos de Troca e Doação

Escrever os nomes das pessoas/organizações que tem relações de Troca e Doação e dos subsistemas relacionados na 1ª coluna e na 1ª linha. Qualificar os fluxos (nomes dos produtos, alguma outra informação) nas respectivas caixas.

Sai/Entra												

Matriz de entradas e saídas dos fluxos de Distribuição

Escrever os nomes das pessoas ou organizações que tem relações de Distribuição e dos subsistemas correspondentes na 1ª coluna e na 1ª linha. Qualificar os fluxos (nomes dos produtos, alguma outra informação) nas respectivas caixas.

Sai/Entra												

Exemplo de matriz (relações de Mercado)

Sai/Entra	Lavoura de milho	Café	Horta	PAA via cooperativa	REDE	Loja de fertilizantes	Atravessador				
Lavoura				Milho, feijão							
Lavoura de café							Venda anual x sacos, qualidade e preço definidos pelo atravassador				
Horta					Verduras entregadas semanalmente						
PAA											
REDE	sementes										
Loja de fertilizantes		Compra de adubo anual valor x									

Questionário socioeconômico com a agricultora

1 Apresentação

1.1 O quê?

Um questionário para coletar dados básicos sobre a agricultora, o espaço de trabalho e vida da família e as outras pessoas que moram na residência e/ou trabalham na unidade produtiva.

1.2 Para quê?

Serve para contextualizar as outras observações e ajuda, pelo tanto, a aplicar os outros instrumentos.

A última pergunta, sobre as fontes de financiamento da família, serve para avaliar o grau de endividamento. Esta informação é importante para testar a hipótese que este grau é geralmente baixo na agroecologia, à diferença do resto do setor da agricultora familiar, onde os investimentos e a compra de insumos do mercado podem gerar sobre-endividamento. O grau de endividamento pode constituir um “demarcador de águas” entre o modelo agroecológico e de agricultura convencional e um freio à mudança de modelo.

1.3 Como fazer?

- Buscar local e horário que permitem uma conversa pessoal com a agricultora. Reforçar que os dados pessoais não serão divulgados (serão sempre anonimizados)
- As perguntas do roteiro podem ser lidas.
- As respostas são escritas no roteiro impresso ou diretamente no computador. A agricultora pode estar sentada do lado da pessoa que escreve e verificar as respostas.
- Pedir autorização para gravar.
- Equipe: uma ou duas pessoas.
- Material: roteiro impresso, gravador.
- Duração estimada: menos de 1 hora.

1.4 Como registrar?

- Forma de guardar os dados: as respostas escritas são logo digitadas A gravação é usada caso precisar recuperar alguma informação.
- Formato dos dados: texto (.docx) + áudio (.mp3).

2 Roteiro

2.1 Identificação da agricultora

Pseudônimo (escolhido por ela):

Identidade sociocultural:

() Indígena () Quilombola

() Pescadora () Assentada () Agricultora familiar () Outra. Qual? _____

Trabalha fora? () Sim () Não

Se sim, qual a atividade? _____

() Tempo integral () Parcial

() Trabalho fixo () Esporádico

Idade: _____

2.2 Espaço de trabalho e vida

2.2.1 Localização

Estado: _____

Território: _____

Município: _____

Nome do Bairro/Distrito/ Comunidade/Assentamento/Acampamento: _____

2.2.2 Condição de posse da terra

() Própria

() Arrendamento

() Meação

() Parceria

() Cessão

() Comodato

- () Direito de uso
- () Uso comunitário
- () Em processo de legalização
- () Terras tradicionais. Qual? _____
- () Assentamento
- () Outra forma. Qual? _____
- () Não sabe

2.2.3 Informações complementares sobre a terra

Obs.: Cada quadro abaixo se refere a uma forma de acesso à terra. Se houver apenas uma forma de acesso à terra, preencher o primeiro quadro e deixar os demais em branco.

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? _____

A agricultora sabe o tamanho da terra? ()Sim ()Não Se sim, qual o tamanho? _____

A documentação da terra está em seu nome? ()Sim ()Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra?¹⁰ _____

Se não, está em nome de quem? _____

Qual o parentesco ou relação social? _____

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? _____

A agricultora sabe o tamanho da terra? ()Sim ()Não Se sim, qual o tamanho? _____

A documentação da terra está em seu nome? ()Sim ()Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? _____

Se não, está em nome de quem? _____

Qual o parentesco ou relação social? _____

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? _____

A agricultora sabe o tamanho da terra? ()Sim ()Não Se sim, qual o tamanho? _____

¹⁰ Esta pergunta se aplica às terras detidas pela agricultora ou pela agricultora junto com o marido ou com outra pessoa. Opções de resposta: (1) Herança; (2) Doação particular; (3) Compra de particular; (4) Compra via crédito fundiário; (5) Titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento; (6) Aguardando titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento ; (7) Usucapião ; (8) Outra forma (indicar qual); (9) Não sabe.

Terras em *usucapião* são “obtidas, após transcorrido algum tempo de uso pacífico e sem contestação, conforme a Lei n. 6.969, de 10.12.1981” (definição do IBGE, Censo Agropecuário 2017).

A documentação da terra está em seu nome? ()Sim ()Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? _____

Se não, está em nome de quem? _____

Qual o parentesco ou relação social? _____

2.3 Pessoas que moram e/ou trabalham no espaço de trabalho e vida da família

Obs. Estes dados também são perguntados no questionário do homem da casa. Se for aplicado antes, será suficiente aqui de confirmar esses dados.

2.3.1 Pessoas que moram no espaço de trabalho e vida da família

Obs. Podem ser familiares ou não. Não registramos os sobrenomes (proteção dos dados pessoais).

Primeiro nome	Sexo (M/F)	Parentesco ou relação social coma agricultora	Idade	Estado civil ¹¹	Identidade étnica ¹²	Grau escolaridade ¹³	Vínculos de moradia e trabalho com a UP ¹⁴	Trabalho ou profissão fora da UP
[Agricultora]	F	--						

¹¹ (1) Solteira/o; (2) Casada/o; (3) União Estável; (4) Divorciada/o; (5) Separada/o; (6) Viúva/o; (7) Outro (especificar).

¹² Segundo IBGE: (1) Branco; (2) Pardo; (3) Preto; (4) Povo Indígena; (5) Amarelo.

¹³ (1) Ensino Fundamental Completo; (2) Ensino Fundamental Incompleto; (3) Ensino Médio Completo; (4) Ensino Médio Incompleto; (5) Ensino Técnico Completo; (6) Ensino Técnico Incompleto; (7) Ensino Superior Completo; (8) Ensino Superior Incompleto; (9) Analfabeto.

¹⁴ (1) Reside no estabelecimento e trabalha (em tempo integral ou parcial) no estabelecimento; (2) Reside no estabelecimento e trabalha fora (em tempo integral ou parcial); (3) Reside no estabelecimento e não trabalha; (4) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento (tempo integral ou parcial); (5) Não reside nem trabalha no estabelecimento.

2.3.2 Pessoas que não moram no espaço de vida e trabalho da família, mas que contribuem com trabalho

Obs.: considerar várias formas de contribuição: com cuidados, no trabalho agrícola (ex. diarista), algum trabalho ocasional, mutirão, troca de dias, ajuda na comercialização, na divulgação, nos trâmites administrativos, etc.

Primeiro nome	Sexo (M/F)	Parentesco ou relação social coma agricultora	Faixa etária ¹⁵	Identidade étnica ¹⁶ (se relevante/conhecido)	Vínculos de trabalho com a UP ¹⁷	Frequência que acontece

2.3.3 Trabalho doméstico e de cuidado

Quem é a/o principal responsável pelo trabalho doméstico na residência? _____

Tem pessoas que necessitam de muitos cuidados ou de cuidados específicos?

() Sim - Quem? _____ () Não

Se sim, quem é responsável pelos cuidados? _____

2.4 Restrições de acesso a bens ou serviços naturais

Existe alguma limitação no acesso a bens naturais na UP por conta de:

- Restrições legais (ex. UC, RDS, APA, APP): Sim/não, tipo de restrição _____

- Poluição: sim/não, que poluição, causada por que _____

- Destruição: sim/não, que poluição, causada por que _____

- Conflito: sim/não, que conflito, causado por que _____

¹⁵ Criança: (1); Jovem: (2); Adulto: (3); Idoso: (4).

¹⁶ Segundo IBGE: (1) Branco; (2) Pardo; (3) Preto; (4) Povo Indígena; (5) Amarelo.

¹⁷ (1) Reside no estabelecimento e trabalha (em tempo integral ou parcial) no estabelecimento; (2) Reside no estabelecimento e trabalha fora (em tempo integral ou parcial); (3) Reside no estabelecimento e não trabalha; (4) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento (tempo integral ou parcial); (5) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento pontualmente; (6) Não reside nem trabalha no estabelecimento.

Outro: _____

2.5 Fontes de renda da família

Quais as 3 principais fontes de renda da “família” (pessoas que moram no espaço de trabalho e vida)? E quem tem acesso e decide sobre a esta renda, você mesma ou outra pessoa da família?

N°	Tipo	Quem decide sobre esta renda?
1		
2		
3		

2.6 Fontes de financiamento da família

A família usa financiamentos de bancos ou instituições financeiras? () sim () não

Caso positivo, identificar as principais fontes de financiamento e indicar para cada uma:

- A fonte (ex. nome do banco e/ou do Programa, como o PRONAF).
- Para que são usadas (ex. compra de insumos, contratação de mão de obra, construção de infraestruturas, pagar outra dívida...).
- Em nome de quem é este financiamento
- Qual a taxa de juros (pode ser um dado aproximado).
- Com que frequência o financiamento é usado (ex. cada ano, uma vez só).
- Se já atrasou o pagamento.

Temporalidade: ciclo anual com ampliação para anos anteriores caso houve uma variação importante. O nosso objetivo é avaliar se a família 1/ tem facilidade para ter acesso a financiamentos e 2/ se existe uma situação de sobre-endividamento.

Obs. caso a pessoa não souber algumas respostas, indicar NS (não sabe).

Fonte	Uso	Em nome de quem?	Taxa de juros	Frequência	Ja atrasou o pagamento?

Questionário socioeconômico com homem da casa

1 Apresentação

1.1 O quê?

Um questionário similar ao da mulher agricultora aplicado junto a um homem da casa (se houver) com atividade na agricultura ou na pecuária e/ou envolvido em conflitos/mobilizações socioambientais. Caso houver homem em casa mas que não cumpra com este perfil, a entrevista pode ser feita excluindo-se as perguntas que não se aplicam. Considerando que pode haver homens na casa ou não.

1.2 Para quê?

São dados básicos que permitem 1/ contextualizar os outros dados (entrevista semiestruturada com o mesmo homem) e 2/ comparar o perfil e a visão masculina com a feminina. Neste sentido, é importante repetir perguntas com o agricultor, no sentido de registrar sua percepção e seus dados pessoais.

1.3 Como fazer?

- Buscar local e horário que permitem uma conversa pessoal com o agricultor. Reforçar que os dados pessoais não serão divulgados (serão sempre anonimizados)
- As perguntas do roteiro podem ser lidas.
- As respostas são escritas no roteiro impresso antes. O homem pode estar sentado do lado da pessoa que escreve e verificar as respostas.
- Pedir autorização para gravar.
- Equipe: uma ou duas pessoas.
- Material: roteiro impresso, gravador.
- Duração estimada: menos de 1 hora

1.4 Como registrar?

- Forma de guardar os dados: as respostas escritas são logo digitadas. A gravação é usada caso precisar recuperar alguma informação.
- Formato dos dados: texto (.docx) + áudio (.mp3).

2 Roteiro

2.1 Identificação do agricultor

Pseudônimo (escolhido por ele): _____

Identidade sociocultural:

() Indígena () Quilombola

() Pescadora () Assentada () Agricultora familiar () Outra. Qual? _____

Trabalha fora? () Sim () Não

Se sim, qual a atividade? _____

() Tempo integral () Parcial

() Trabalho fixo () Esporádico

Idade: _____

2.2 Informações sobre o espaço de trabalho e vida

2.2.1 Condição de posse da terra

() Própria

() Arrendamento

() Meação

() Parceria

() Cessão

() Comodato

() Direito de uso

() Uso comunitário

() Em processo de legalização

() Terras tradicionais. Qual? _____

() Assentamento

() Outra forma. Qual? _____

() Não sabe

2.2.2 Informações complementares sobre a terra

Obs.: Cada quadro abaixo se refere a uma forma de acesso à terra. Se houver apenas uma forma de acesso à terra, preencher o primeiro quadro e deixar os demais em branco.

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? _____

O agricultor sabe o tamanho da terra? ()Sim ()Não

Se sim, qual o tamanho? _____

A documentação da terra está em seu nome? ()Sim ()Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra?¹⁸ _____

Se não, está em nome de quem? _____

Qual o parentesco ou relação social? _____

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? _____

A agricultora sabe o tamanho da terra? ()Sim ()Não Se sim, qual o tamanho? _____

A documentação da terra está em seu nome? ()Sim ()Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? _____

Se não, está em nome de quem? _____

Qual o parentesco ou relação social? _____

A qual tipo de acesso à terra se referem as perguntas abaixo? _____

O agricultor sabe o tamanho da terra? ()Sim ()Não

Se sim, qual o tamanho? _____

A documentação da terra está em seu nome? ()Sim ()Não

Se sim, qual foi a forma de obtenção da terra? _____

Se não, está em nome de quem? _____

Qual o parentesco ou relação social? _____

¹⁸ Esta pergunta se aplica às terras detidas pela agricultora ou pela agricultora junto com o marido ou com outra pessoa. Opções de resposta: (1) Herança; (2) Doação particular; (3) Compra de particular; (4) Compra via crédito fundiário; (5) Titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento; (6) Aguardando titulação via reforma agrária ou programa de reassentamento ; (7) Usucapião ; (8) Outra forma (indicar qual); (9) Não sabe.

Terras em *usucapião* são “obtidas, após transcorrido algum tempo de uso pacífico e sem contestação, conforme a Lei n. 6.969, de 10.12.1981” (definição do IBGE, Censo Agropecuário 2017).

2.3 Pessoas que moram e/ou trabalham no espaço de trabalho e vida da família

Obs. Estes dados também são perguntados no questionário da agricultora. Se for aplicado antes, será suficiente aqui de confirmar esses dados.

2.3.1 Pessoas que moram no espaço de trabalho e vida da família

Obs. As pessoas registradas podem ser familiares ou não. Não registramos os sobrenomes.

Primeiro nome (sem sobrenome)	Sexo (M/F)	Parentesco ou relação social com ele	Idade	Estado civil ¹⁹	Origem étnica ²⁰	Grau escolaridade ²¹	Vínculos de moradia e trabalho com a UP ²²	Trabalho ou profissão fora da UP
[Homem da casa]	M	--						

¹⁹ (1) Solteira/o, (2) Casada/o; (3) União Estável; (4) Divorciada/o; (5) Separada/o; (6) Viúva/o; (7) Outro (especificar).

²⁰ Segundo IBGE: (1) Branco; (2) Pardo; (3) Preto; (4) Povo Indígena; (5) Amarelo.

²¹ (1) Ensino Fundamental Completo; (2) Ensino Fundamental Incompleto; (3) Ensino Médio Completo; (4) Ensino Médio Incompleto; (5) Ensino Técnico Completo; (6) Ensino Técnico Incompleto; (7) Ensino Superior Completo; (8) Ensino Superior Incompleto; (9) Analfabeto.

²² (1) Reside no estabelecimento e trabalha (em tempo integral ou parcial) no estabelecimento; (2) Reside no estabelecimento e trabalha fora (em tempo integral ou parcial); (3) Reside no estabelecimento e não trabalha; (4) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento (tempo integral ou parcial); (5) Não reside nem trabalha no estabelecimento.

2.3.2 Pessoas que não moram no espaço de vida e trabalho, mas que contribuem com o trabalho

Obs.: Considerar várias formas de contribuição: com cuidados, no trabalho agrícola (ex. diarista), algum trabalho ocasional, mutirão, troca de dias, ajuda na comercialização, na divulgação, nos trâmites administrativos, etc.

Primeiro nome (sem sobrenome)	Sexo (M/F)	Parentesco ou relação social com a agricultora	Faixa etária ²³	Identidade étnica ²⁴ (se relevante/conhecido)	Vínculos de trabalho com a UP ²⁵	Frequência que acontece

2.3.3 Trabalho doméstico e de cuidado

Quem é a/o principal responsável pelo trabalho doméstico na residência? _____

Tem pessoas que necessitam de muitos cuidados ou de cuidados específicos?

() Sim - Quem? _____

() Não

Se sim, quem é responsável pelos cuidados? _____

2.4 Informações gerais sobre restrições de acesso a bens naturais

Existe alguma limitação no acesso a bens naturais na UP por conta de:

- Restrições legais (ex. RDS, APA): Sim/não, tipo de restrição _____

- Poluição: sim/não, que poluição, causada por que _____

- Conflito: sim/não, que conflito, causado por que _____

- Outro: _____

²³ Criança: (1); Jovem: (2); Adulto: (3); Idoso: (4).

²⁴ Segundo IBGE: (1) Branco; (2) Pardo; (3) Preto; (4) Povo Indígena; (5) Amarelo.

²⁵ (1) Reside no estabelecimento e trabalha (em tempo integral ou parcial) no estabelecimento; (2) Reside no estabelecimento e trabalha fora (em tempo integral ou parcial); (3) Reside no estabelecimento e não trabalha; (4) Não reside no estabelecimento e trabalha no estabelecimento (tempo integral ou parcial); (5) Não reside nem trabalha no estabelecimento.

2.5 Fontes de renda da família

Quais as 3 principais fontes de renda da “família” (pessoas que moram no espaço de trabalho e vida)? E quem tem acesso e decide sobre a esta renda, você mesmo ou outra pessoa da família?

Nº	Tipo	Quem decide sobre esta renda?
1		
2		
3		

2.6 Fontes de financiamento da família

A família usa financiamentos de bancos ou instituições financeiras? () sim () não

Caso positivo, identificar as principais fontes de financiamento e indicar para cada uma:

- A fonte (ex. nome do banco e/ou do Programa, como o PRONAF).
- Para que são usadas (ex. compra de insumos, contratação de mão de obra, construção de infraestruturas, pagar outra dívida...).
- Em nome de quem é este financiamento
- Qual a taxa de juros (pode ser um dado aproximado).
- Com que frequência o financiamento é usado (ex. cada ano, uma vez só).
- Se já atrasou o pagamento.

Temporalidade: ciclo anual com ampliação para anos anteriores caso houve uma variação importante. O nosso objetivo é avaliar se a família 1/ tem facilidade para ter acesso a financiamentos e 2/ se existe uma situação de sobre-endividamento.

Obs. caso a pessoa não souber algumas respostas, indicar NS (não sabe).

Fonte	Uso	Em nome de quem?	Taxa de juros	Frequência	Ja atrasou o pagamento?

Entrevista semiestruturada com a agricultora

1 Apresentação

1.1 O quê?

Uma entrevista semiestruturada sobre a trajetória pessoal, as funções assumidas, os conhecimentos agroalimentares, a participação política, a relação com natureza e os tempos da agricultora.

1.2 Para quê?

A entrevista coloca as observações feitas durante o Etnomapeamento feminista em perspectiva e permitem compreendê-las melhor contextualizando-as, particularmente com base na trajetória pessoal da agricultora. As funções sociais, os espaços de construção do conhecimento e a participação socio-política também são parâmetros sociais importantes na construção da relação com a natureza. Um ponto específico (II.5) é dedicado ao aprofundamento da narrativa da agricultora sobre esta relação.

1.3 Como fazer?

- Procurar um local e um horário que permita uma conversa pessoal, sem muitas interrupções.
- A entrevista pode acontecer depois dos outros instrumentos de nível 1, de forma a aproveitar e completar a informação que foi recolhida.
- As perguntas do roteiro são feitas de forma flexível, se ajustando à narrativa da agricultora e às outras informações coletadas. Não devem ser lidas.
- É importante que a **pergunta 2.5 (relação com a natureza) seja feita de forma explícita**, de modo a articular e aprofundar as dimensões da resposta. Caso a entrevista for demorada, esta pergunta pode ser feita logo depois da trajetória de vida, para garantir a qualidade da resposta.
- As outras perguntas não necessariamente devem ser feitas explicitamente: algumas respostas podem ser inferidas a partir da fala da pessoa em outros momentos.
- Pedir autorização para gravar. A gravação é usada para reouvir algumas respostas e para recuperar citações significativas (em particular 2.5).
- Uma pessoa da equipe toma notas para verificar e anota as citações a serem recuperadas da gravação.
- Equipe: dupla ciências agrárias e sociais.
- Material: roteiro impresso, caneta, gravador.

- Duração: 1h a 1h30.

1.4 Como registrar?

- Relatório respondendo às perguntas do roteiro e com citações significativas + gravação.
- Formato dos dados: áudio da gravação (ex. .mp3) e texto do relato (ex. .docx).

2 Roteiro

2.1 Trajetória pessoal

O objetivo é trazer elementos biográficos que permitem compreender o grau de envolvimento da agricultora na agroecologia e nos conflitos e mobilizações socioambientais. Perguntar sobre as principais etapas da vida:

- A nível pessoal (história familiar, casamento, filhos, separação, viuvez...)
- A nível de trabalho / profissional (empregos ou trabalhos incl. doméstico não remunerado, desemprego, períodos de migração, na cidade, formação...)
- A nível sociopolítico (se houver: sindicato, cooperativa, partido, além de igreja, pastoral, grupos de mulheres, espaços informais...).

Obs. pode-se recuperar elementos do rio da vida, caso aplicado antes.

2.2 Funções assumidas pela agricultora que explicam seus conhecimentos e práticas agroalimentares

O objetivo é identificar as principais funções sociais desempenhadas pela agricultora, na medida que explicam seus conhecimentos e forma de trabalho (técnicas) na agricultura e na cozinha, tais como: função de preparação e conservação de alimentos, processos pos-colheita, cuidados pela saúde das pessoas, pelos bens naturais (ex. qualidade da água), guardiã de sementes, etc. Para chegar a essa identificação, a discussão pode iniciar-se na observação pela equipe das tarefas assumidas pela agricultora. Também pode se apoiar na trajetória de vida (momentos em que ela assumiu tais funções).

2.3 Espaços e processos de construção dos conhecimentos e das práticas agroalimentares

O objetivo é identificar os espaços e processos através dos quais a agricultora adquiriu seus conhecimentos e suas práticas agroalimentares. A conversa pode iniciar-se fazendo referência a alguns conhecimentos ou práticas que foram observados, perguntando como foram adquiridas na trajetória de vida. De forma complementar, os seguintes espaços ou processos podem ser testados (relevantes ou não): transmissão familiar, em particular a mãe; experimentação

agrícola; emprego agrícola; ATER; projetos de ONGs; redes agroecológicas; formação; mobilização entorno a conflitos.

2.4 Espaços e formas de participação sócio-política

O objetivo é confirmar e completar os dados sobre participação sócio-política, com destaque para os espaços ligados à agroecologia, ao gênero/feminismo e às questões socioambientais. É importante problematizar o que é “agroecologia” para a pessoa, como e até que ponto conhece e adere a ela (ou não!). Os espaços ligados à agroecologia e às questões socioambientais devem ser entendidos em sentido amplo: sindicatos, partidos, cooperativas, movimentos, mas também igrejas, espaços da cultura popular, às vezes grupos de comercialização, projetos de ONG ou de algumas empresas, grupos ou espaços informais de encontro que podem parecer insignificantes (invisibilizados, incl. pelas próprias mulheres). Identificar esses espaços a partir das informações prévias (trajetória de vida, em certos casos Rio da vida do território, etc.). Conversar sobre a forma de participação da agricultora em cada um desses espaços (quão frequente, em que posição formal ou informal), pautas que se discutem, tipos de ação, resultados para ela.

2.5 Narrativa sobre a relação com a natureza

O objetivo é explorar e registrar dimensões da relação com a natureza expressadas pela agricultora (narrativa), testando se esta relação tem um papel significativo no seu engajamento em defesa da terra/território e/ou em conflitos socioambientais. Lista indicativa (mas não fixa nem exaustiva) de dimensões que podem ser exploradas:

- Com que palavras e que afetos (positivos ou negativos, “apego”/desapego, causado por quê, como se manifestam?) a agricultora expressa esta relação.

Obs.: ter cuidado para não induzir o vocabulário, prestar atenção às palavras usadas pela agricultora e usar as mesmas.

- Em que escala (propriedade, comunidade, “território” – qual?)
- Destacando quais elementos ou dimensões (concretas - plantas, árvores, águas, animais, solo... ou abstratas – ar puro, água limpa ou poluída...)
- De acordo com que lógica(s) (lógica produtiva, de geração de renda, de segurança alimentar, de cuidado (de que exatamente?), estética, religiosa ou espiritual, cultural...)
- A partir de quais experiências ou práticas, individuais ou coletivas (trabalho agrícola, participação política, luta pelo território, conflito socioambiental...)
- Contudo, existe um apego à terra ou ao território, uma vontade de defende-los? Por quê e como?
- Existe uma dimensão de gênero da relação com a natureza do ponto de vista da agricultora (forma de se relacionar que é determinada pelo fato de ser mulher)?

As perguntas podem ser feitas em conexão com as práticas agrícolas, com os conflitos socioambientais, com a participação política e de forma aberta (possibilitando outras respostas, incl. as que não imaginamos!).

2.6 Tempos

O objetivo é avaliar se a vida e as práticas da agricultora são organizadas pelo fator tempo; e se existe uma sobrecarrega de trabalho e/ou a percepção de uma injustiça.

O peso do fator tempo pode ser investigado em dois principais níveis:

- Ritmo da produção (vários fatores possíveis, ex. sazonalidade da produção, ritmo da natureza, formas de integração na indústria agroalimentar... conectar com informação sobre tempo no etnomapeamento).
- Forma como a agricultora assume suas funções socialmente atribuídas (como trabalho doméstico, de cuidados socioambientais, participação sócio-política... conectar com respostas anteriores, em particular 2.2, funções). Investigar a organização (individual, coletiva...), lógicas, qualidade e temporalidades destas tarefas.

Concluir perguntando sobre a percepção da carga total de trabalho e da distribuição dentro da família: a agricultora tem momentos de descanso, ou se sente sobrecarregada? Acha que a divisão do trabalho é justa ou não e por quê?

Entrevista semiestruturada com homem da casa

1 Apresentação

1.1 O quê?

Uma entrevista semiestruturada similar à da mulher agricultora com um homem da casa com atividade na agricultura ou na pecuária e/ou envolvido em conflitos/mobilizações socioambientais. Caso não exista esse perfil, a entrevista poderá ser feita com outro homem da casa excluindo-se as perguntas que não se aplicam. Considerando que pode haver homens na casa ou não.

1.2 Para quê?

Compreender os papéis de gênero nas práticas agrícolas e nas mobilizações socioambientais a partir da visão masculina.

1.3 Como fazer?

- Procurar um local e um horário que permita uma conversa pessoal com o homem.
- A entrevista pode ser feita depois do questionário.
- As perguntas do roteiro são feitas de forma flexível, se ajustando à narrativa do homem e às outras informações coletadas. Não devem ser lidas.
- É importante que a pergunta **2.6 (relação com a natureza)** seja feita de forma explícita, de modo a articular e aprofundar as dimensões da resposta. Caso a entrevista seja demorada, esta pergunta poderá ser feita logo depois da trajetória de vida, para garantir a qualidade da resposta.
- Pedir autorização para gravar. A gravação é usada para reouvir algumas respostas e para recuperar citações significativas (em particular 2.6).
- Uma pessoa da equipe toma notas para verificar que todas as repostas estejam completadas e anota as citações a serem recuperadas da gravação.
- Equipe: dupla ciências agrárias e sociais.
- Material: roteiro impresso, caneta, gravador.
- Duração: 1h a 1h30.

1.4 Como registrar?

- Forma de registrar os dados: relato com respostas ordenadas por tema e citações relevantes.
- Formato dos dados: áudio da gravação (ex. .mp3) e texto do relato (ex .docx).

2 Roteiro

2.1 Trajetória pessoal

O objetivo é trazer elementos biográficos que nos permitem compreender a posição da pessoa na agricultura, na pecuária e/ou nas mobilizações socioambientais. Perguntar sobre as principais etapas da vida:

- A nível pessoal (história familiar, casamento, filhos, separação, viuvez...)
- A nível de trabalho / profissional (empregos ou trabalhos, desemprego, períodos de migração, na cidade, formação...)
- A nível sociopolítico (se houver: sindicato, cooperativa, partido, além de igreja, espaços informais...).

2.2 Forma de trabalho e de comercialização na agricultura e/ou pecuária

O objetivo é completar a observação direta dos manejos agrícolas (ou avalia-los de caso não foi possível observar), avaliando / perguntando sobre:

- O tipo de trabalho na agricultura ou na pecuária.
- Se é agricultura (ou criação) convencional / agroecológica / em transição e quais são as lógicas atrás disso (perguntar pelos motivos ou motivações, razões das principais decisões técnicas ou produtivas, investigando os **papeis masculinos**).
- A forma de comercializar (que tipo de mercados, como se tem acesso, como é o preço, quais as eventuais dificuldades?)

2.3 Funções assumidas que explicam a forma de fazer agricultura / pecuária e de se envolver em questões sócio-ambientais

O objetivo é identificar as principais funções sociais desempenhadas pelo homem que explicam sua forma de fazer agricultura / pecuária e de se envolver em questões sócio-ambientais, tais como: comercialização, geração de renda, alimentação da família, participação pública/política, outras. Para chegar a essa identificação, a discussão pode iniciar-se na observação pela equipa das tarefas assumidas pelo homem. Também pode se apoiar na trajetória de vida e no questionário.

2.4 Espaços e processos de construção dos conhecimentos e das práticas

O objetivo é identificar os espaços e processos através dos quais o homem construiu os conhecimentos e as ideias que explicam sua forma de fazer agricultura / pecuária. A conversa pode iniciar-se fazendo referência às respostas acima. De forma complementar, os seguintes espaços ou processos podem ser testados: transmissão familiar, em particular o pai; experimentação agrícola; emprego agrícola; ATER; projetos de ONGs ou empresas; redes agroecológicas; formação; mobilização entorno a conflitos.

2.5 Espaços e formas de participação sócio-política

O objetivo é identificar os espaços de participação política e as questões (em particular socioambientais e ligadas à agroecologia) tratadas nesses espaços. Perguntar desde quando o homem participa, qual papel formal ou informal desempenha, quais modos de ação são usados no espaço, para quais objetivos, e com quais resultados ou dificuldades. A discussão pode iniciar-se pelos espaços que foram identificados na trajetória de vida. Se o homem conhece a agroecologia, é importante problematizar o que é para ele, como e até que ponto conhece e adere a ela.

2.6 Narrativa sobre a relação com a natureza

O objetivo é explorar diferentes dimensões da relação com a natureza expressada pelo homem (narrativa), testando se esta relação tem um papel significativo no seu engajamento em defesa da terra/território e/ou em conflitos sócio-ambientais.

- Com que palavras e que afetos (positivos ou negativos, “apego”/desapego, causado por quê, como se manifesta?) a agricultora expressa esta relação
- Em que escala (propriedade, comunidade, território – qual?)
- Destacando quais elementos ou dimensões (concretas - plantas, arvores, águas, animais, solo... ou abstratas – ar puro, água limpa...)
- De acordo com que lógica(s) (produtiva, ligada à renda, à segurança alimentar, ao cuidado (de que exatamente?), a uma dimensão estética, espiritual, cultural...)
- A partir de quais experiências ou práticas, individuais ou coletivas (trabalho agrícola, participação política, luta pelo território, conflito sócio-ambiental...)
- Existe um apego à terra ou ao território, uma vontade de defende-los? Por quê e como?
- Existe uma dimensão de gênero da relação com a natureza do ponto de vista do homem (forma de se relacionar que é determinada pelo fato de ser homem)?

As perguntas podem ser feitas em conexão com as práticas agrícolas, com os conflitos socioambientais, com a participação política e de forma aberta (possibilitando outras respostas, incl. as que não imaginamos!).

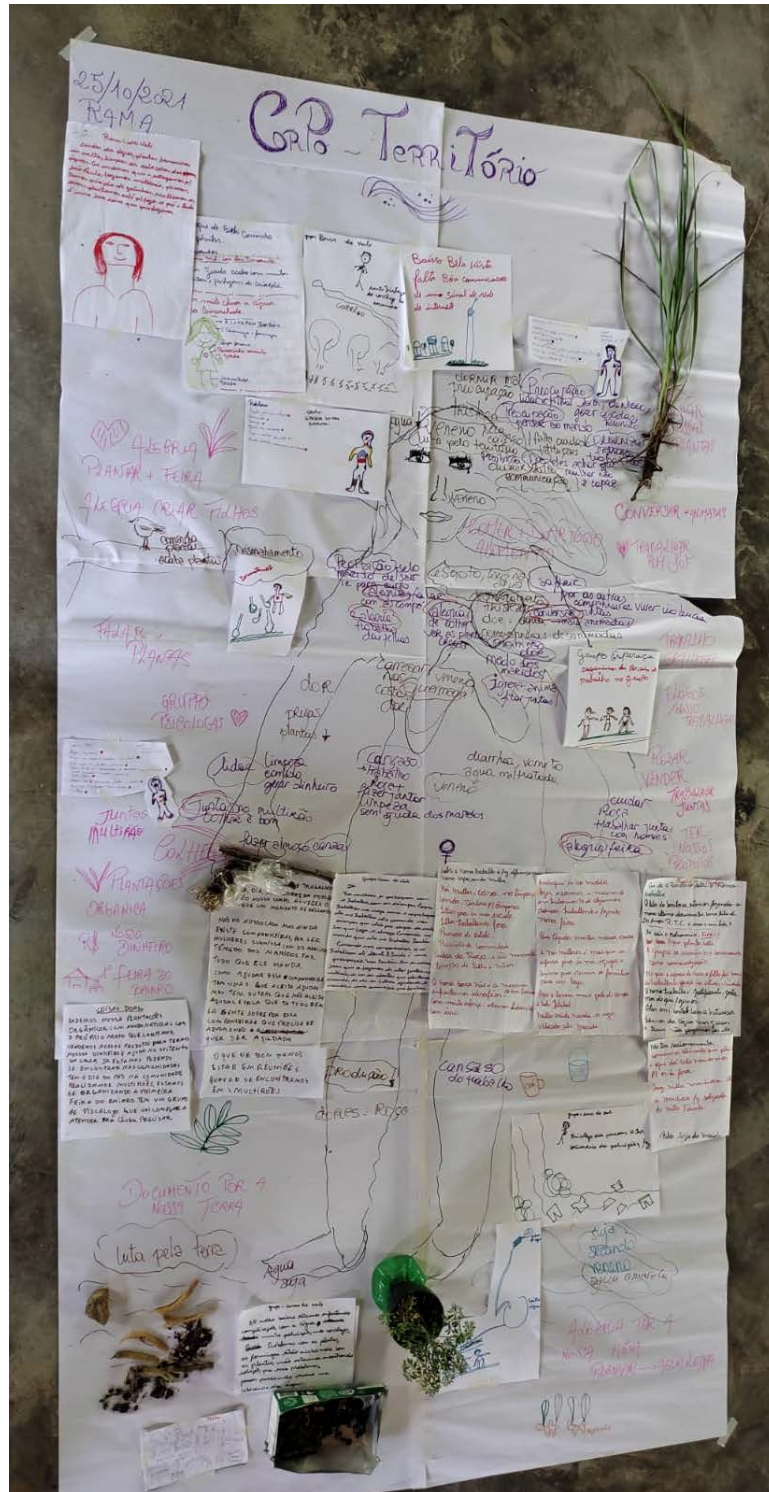
2.7 Divisão sexual do trabalho

Reconstituir o relógio simplificado de um dia de trabalho típico e de um dia de final de semana.

- Iniciar perguntando se há regularidade na organização dos dias da semana e do final de semana.
- A partir disso, apontar um dia típico da semana e um dia de final de semana, para fazer o relógio. Pode ser feito de fazer de forma gráfica ou na forma de uma lista, agrupando por grandes atividades.

- Finalizar perguntando pela percepção da carga de trabalho e sua distribuição com outros membros da família. E justo?

Nível 2 – Nos territórios vividos pelas agricultoras



Rio da Vida do Território

1 Apresentação

1.1 O quê?

Uma representação gráfica da história dos “problemas” socioambientais de um território e das respostas, em particular a partir da agroecologia, construídas pelas agricultoras. O Rio da vida do território junta as histórias pessoais dentro de uma história coletiva; se atenta às curvas, aos obstáculos e aos possíveis retrocessos dessas histórias, evitando uma visão artificialmente linear.

- A escala do território é aquela do *território vivido pelas agricultoras*, a partir das suas práticas cotidianas, na agricultura e em espaços da comunidade, do município e as vezes mais amplos, onde organizam a vida e constroem respostas aos problemas socioambientais.
- Os *problemas socioambientais* são entendidos de forma ampla, abrangendo não só os conflitos abertos (politizados), mas também as simples denúncias e os “danos” percebidos individualmente. Da mesma forma, as *respostas* incluem as mobilizações e as lutas, mas também os anúncios e as práticas não necessariamente politizadas, que podem acontecer no nível individual. Desde uma perspectiva feminista, é importante prestar atenção às formas menos politizadas que podem ser desenvolvidas por mulheres em situações de opressão.
- As participantes são *agricultoras* que participam da pesquisa, seja diretamente (nível 1) ou em atividades coletivas. Pode incluir agricultoras lideranças locais, que irão enriquecer a percepção dos problemas e respostas socioambientais, mas não pode incluir pessoas que não sejam agricultoras (registramos apenas as percepções de agricultoras).

1.2 Para quê?

Possibilita compreender como as mudanças no contexto do território incidem sobre a vida das mulheres a partir de suas experiências vividas, das responsabilidades e trabalhos que assumem ao longo da vida e que condicionam a sua relação com os processos vivenciados, os lugares por onde transitam e os tipos de relação com o território e com a natureza que vão estabelecendo.

O Rio da vida enquanto instrumento de pesquisa “ajuda as mulheres a perceberem suas vidas enquanto ‘um processo vivido’ composto por diversas fases e por uma série de acontecimentos que são moldados pela **construção social dos sujeitos**, imersos em uma teia de relações, geralmente assimétricas (de gênero, raça, etnia e geração)”²⁶.

1.3 Como fazer

- Planejar a atividade com o coletivo de agricultoras. Esse é o grupo de agricultoras que constitui o interlocutor local para a pesquisa, a partir de espaços como comissões de

²⁶ Weitzman, Rodica, “Técnicas de Educação Popular para grupos e comunidades”, 2001, no prelo, p. 42.

mulheres de sindicatos da agricultura familiar, redes locais de agricultoras agroecológicas ou outros. Idealmente, pelo menos as agricultoras que participam da pesquisa de nível 1 estariam presentes (ver nota sobre as participantes no ponto “O quê” acima).

- Etapas e roteiro: ver abaixo.
- Pedir autorização para gravar e fotografar.
- Equipe: Duas ou três pessoas, sendo pelo menos uma para facilitar a atividade, elaborar tarjetas e ajudar a posicionar os elementos da memória das agricultoras no Rio; e uma pessoa para fazer os registros em caderno de campo e os registros fotográficos e de áudio (pensar em identificar citações).
- Material: TNT Azul; tarjetas, canetas de ponta grossa coloridas, fita adesiva, grampeador, música.
- Duração estimada: 1 a 2 períodos.

1.4 Como registrar?

- Registro do processo de elaboração, das discussões em caderno de campo + gravação das discussões coletivas + registro fotográfico do rio.
- Formato dos dados: .doc/.pdf, .jpg, .mp3.
- Opção de relatoria gráfica para sistematizar e devolver o Rio.

2 Roteiro

2.1 Mobilização da memória

A mobilização da memória se inicia com os olhos fechados e uma música ambiente. A facilitadora orienta a recuperação das experiências vividas em relação à natureza, tendo o rio como dupla metáfora: rio como natureza e como tempo.

Vamos pensar como esse rio começa.

Este rio tem uma nascente, como que é essa nascente? O que tem em volta dela?

Como cada uma está neste Rio? Como mulher, com quantos anos, pode ser criança, adolescente, adulta... Talvez vocês estejam com outras companheiras e companheiros, homens, mulheres, adultos, crianças. Que coisas importantes estão nascendo na sua comunidade, no seu município, na sua região, na relação com a agricultura, com a natureza, com o meio ambiente? Onde você, como mulher, está nisso? Isso pode ter acontecido há muito tempo... podem ter nascido coisas positivas ou que marcaram esse momento da nascente que foram ruins...

O rio cresce, tem mais água, talvez você esteja dentro de um barco com outras pessoas... quem são essas pessoas? São da família? Da comunidade? Do município?

De alguma organização? Da prefeitura? Da igreja? Tem mais homens ou mais mulheres? O que vocês fazem dentro deste barco? Quais coisas boas vocês estão fazendo na relação com a agricultura, com a natureza? O que vocês estão planejando? Acontecem problemas? Como você, como mulher, lida com esses problemas?

O rio vai ficando maior, com muita água, começa a chover, tem uns momentos mais revoltos, pode ter algumas curvas, encontros com outros rios, algumas mudanças... em alguns lugares tem as matas ciliares, uma agrofloresta com coisas plantadas, outros plantios, hortas, pomares.

De repente começam a aparecer alguns problemas...encontramos um pasto degradado, uma lavoura de café com intenso uso de agrotóxicos, uma hidrelétrica...

O rio começa a secar, ou tem pedras, ou começa a ficar poluído, ou não pode mais ter acesso. Quem está provocando essa degradação? Essa poluição? Quem está impedindo o acesso? É alguém de fora ou do município? É alguém da sua comunidade ou família? Como isso afeta você, sua família, sua comunidade? Você está conseguindo reagir? É muito difícil reagir? Como você está reagindo? Qual o seu papel? Sozinha ou com mais pessoas? Com quem?

Como está o rio agora? Como você está se sentindo agora? Onde você está agora? Com quem? Que coisas boas você está vendo agora no rio? Tem dificuldades ainda?

2.2 Expressão sobre a metodologia

Perguntar às mulheres como foi fazer o exercício para elas. Não necessariamente todas as mulheres precisam falar.

2.3 Construção do rio

A partir das memórias geradas na mobilização da memória, a ideia é recuperar os elementos marcantes das etapas de vida de cada participante e ordená-las no marco temporal (anos ou décadas), fazendo a confluência do individual com o coletivo. Em cada etapa, damos destaque para os problemas socioambientais, as respostas, os atores envolvidos e o lugar das mulheres.

Exemplo de organização em 3 rodadas:

- Apresentação das lembranças de cada mulher em relação à nascente do Rio da Vida e a momentos posteriores e tradução em tarjetas de cores diferentes *pela facilitadora* que as coloca no rio (problemas socioambientais (uma cor, ex. amarela) / respostas (uma cor, ex. rosa)). Cada tarjeta contem a data ou o período.
- Orientação da equipe para completar o rio com destaque para os processos coletivos. Preparação de tarjetas *pelas mulheres* e apresentação, colocando no rio.
- Complementos induzidos pela equipe em base à informação prévia (ex. da cartografia, ou do nível 1).

A construção do rio pode ser feita com TNT azul, com a representação das curvas, pedras, mais ou menos água etc.

2.4 Reflexão final

E feita uma rodada de reflexão final sobre:

- As histórias individuais como parte da história coletiva.
- O lugar das mulheres (presenças e ausências) nos distintos momentos, o tipo de respostas e o porquê, segundo elas.

Cartografia Socioambiental Feminista

1 Apresentação

1.1 O quê?

Um mapa (ou “desenho”) construído coletivamente pelas agricultoras, representando os problemas socioambientais e as respostas construídas por elas e por outras atrizes/atores do território que elas identificam como relevantes. O mapa é feito no atual momento (considerando, portanto, os efeitos da pandemia).

Obs. o enquadramento do “território”, dos “problemas” e “respostas” socioambientais e das participantes da Cartografia é o mesmo que para o Rio da vida (ver apresentação acima).

Opção de uma etapa posterior que junte as agricultoras de vários municípios dentro do Vale do Ribeira e da Zona da Mata ou inclusive das duas regiões, para construir um mapa maior (agregando os mapas locais, ver 2.7 p. 49).

1.2 Para quê?

O mapa ajuda a desvelar os problemas socioambientais, as respostas existentes e o jogo dos atores. Suma informações que são logo compartilhadas entre as participantes. Mostra problemas ou respostas que podem ser invisibilizadas. Ajuda a pensar respostas. Produz conhecimentos emancipatórios e complementa o Rio da vida do território ao focalizar o momento atual e sua representação no espaço.

A análise de gênero, a partir da percepção das mulheres, ajuda especificar por que alguns problemas socioambientais as afetam especificamente (ligados à responsabilidade pelo cuidado, a formas de violência...?) e de que forma e por quê suas respostas também podem ser específicas. Será importante cruzar com a percepção dos homens (entrevistas de nível 1).

1.3 Como fazer?

- Planejar a atividade com o coletivo de agricultoras. Idealmente, todas as agricultoras que participam da pesquisa de nível 1 estariam presentes. Pode (deve) haver mais agricultoras participando.
- Etapas e roteiro: ver abaixo.
- Pedir autorização para gravar e fotografar.
- Equipe: Duas ou três pessoas, sendo uma para facilitar a atividade, elaborar tarjetas e ajudar na espacialização dos elementos no desenho; e uma pessoa para fazer os registros em caderno de campo e os registros fotográficos e de áudio (pensar em identificar citações).
- Material: folhas A0 e A4; canetas ponta grossa coloridas; giz de cêra; adesivos.

- Duração estimada: 1 período (manhã ou tarde).

1.4 Como registrar?

- Registro do processo de elaboração, das discussões e dos pontos de referência (localização) em caderno de campo + gravação das discussões coletivas + registro fotográfico, com a opção de digitalização dos mapas.
- Formato dos dados: .doc/.pdf, .jpg, .mp3.

2 Roteiro

2.1 Preparação da atividade (opcional)

Dias antes da aplicação da metodologia deve-se entrar em contato com as mulheres pedindo para levarem no dia da atividade no mínimo dois elementos: que representem aspectos positivos e negativos relacionados ao meio ambiente do território (pode ser no nível de propriedade, comunidade, município ou região).

Aspectos negativos são relacionados a **problemas socioambientais** de diferentes tipos (ex. poluição, perda de biodiversidade, etc.) e graus de politização (conflitos, denúncias, “simples” danos, podendo ser no nível individual) e os aspectos positivos às **respostas** (mobilizações, anúncios, “simples” práticas, podendo ser no nível individual), em particular aquelas relacionadas com a **agroecologia**.

2.2 Apresentação das participantes através dos elementos

Disponibilizar o papel em branco no meio da roda.

Realizar a **apresentação das participantes** com os elementos levados por cada uma, que representem os aspectos positivos e negativos relacionados ao meio ambiente sobre o território (em distintas escalas).

Realizar uma rodada de **complementação** com novos elementos que não tenham sido expostos anteriormente. Estes elementos podem ser colocados em tarjetas.

Exemplo de perguntas geradoras:

Que tipo de dificuldades ligadas ao meio ambiente (ex. poluição por uma empresa, por um vizinho, falta de água, restrições de uso de alguns recursos ou terras por unidades de conservação ambiental) você encontra para desenvolver as suas práticas agroecológicas? Tem este tipo de dificuldades no nível da sua família, comunidade, território? Quais estratégias você encontra para enfrentar essas dificuldades? E outras atrizes/atores importantes do território? Qualificar as pessoas envolvidas nas diferentes respostas (coletivo/individual, específico das mulheres/dos homens, sem especificidade de gênero?...)

2.3 Espacialização dos elementos

Pedir às agricultoras que **imaginem que o papel seja um desenho do território** (adaptar a escala de acordo com os elementos trazidos por elas, podendo ser o desenho do município, da região etc).

Solicitar às agricultoras que **indiquem os pontos de referência do território** (ex. sede do município, comunidades onde elas moram e trabalham, organizações/grupos dos quais participam, mineradoras, rios, UCs). Uma das facilitadoras representa os pontos de referência no desenho.

Solicitar às agricultoras para realizar a **disposição espacial** dos elementos ou tarjetas no desenho, considerando os pontos de referência identificados anteriormente. Os elementos gerais que não tenham relação com apenas uma ou outra comunidade, podem ser representados como sendo na sede do município (é uma forma artificial de representação, mas pode resolver essa questão).

De forma geral é importante especificar a localização dos elementos na relatoria para possibilitar elaborar o mapa com base cartográfica no momento posterior.

Obs.: É possível partir de uma base cartográfica, especialmente quando a escala do território é a do município e o mapa do município é uma representação compartilhada (exibida em muitos lugares públicos). Esta base poderá então ser completada com pontos de referência específicos colocados pelas agricultoras.

2.4 Identificação dos atores

Identificar os principais atores envolvidos nos aspectos positivos e negativos trazidos pelas agricultoras. Neste momento será possível captar a atuação de organizações, comunidades, igreja, grupos de mulheres, empresas, movimentos sociais, Estado, etc.

2.5 Reflexão final e qualificação de gênero

Fazer um processo de reflexão com as agricultoras a partir da construção do desenho:

- O que elas perceberam com essa construção?

Qualificação de gênero:

- Vocês acham que existem lugares específicos de presença das mulheres? Ou lugares específicos em que as mulheres estão ausentes?
- Percebem que há respostas específicas das mulheres aos problemas socioambientais do território? Por quê?

Símbolos no mapa (adesivos) podem representar estes lugares.

Fazer o registro fotográfico do desenho.

2.6 Opção de consolidação do desenho em mapa

Opção de trabalho da equipe posterior à atividade de consolidar o desenho em um mapa digital na escala e com legenda (feita pela equipe), para devolutiva.

A elaboração das legendas implica a categorização dos elementos trazidos pelas agricultoras e será realizado, num primeiro momento, pela equipe. Esta categorização será debatida com as agricultoras no momento de devolutiva do mapa.

2.7 Opção de juntar as agricultoras e os mapas em Intercâmbios ou Caravanas

A ideia é juntar as agricultoras de diferentes municípios para discutir os problemas e respostas socioambientais numa escala mais ampla, com base num mapa grande elaborado pela equipe a partir da consolidação e agregação dos mapas de cada município.

O encontro pode ocorrer em Intercâmbios em cada região ou território (Zona da Mata e Vale do Ribeira) ou durante as atividades de Caravana Agroecológica Feminista e Revolucionária a ser realizada em 2022.

Mapa “Corpo-Território”

1 Apresentação

1.1 O quê?

Um mapa (ou pôster) construído pelas agricultoras, representando a relação vivida por elas com o território a través do seu corpo. Nosso foco é duplo:

- Captar os problemas e as respostas socioambientais no território.
- Captar as dinâmicas de gênero, através da forma como estes problemas e respostas se desdobram no corpo das mulheres. Isso envolve, em particular:
 - O continuum das violências de gênero (desde a violência patriarcal – familiar, doméstica, etc. – até as violências contra as mulheres como grupo social, como expressão das lógicas agro-extractivo-capitalistas...)
 - A divisão sexual do trabalho, enquanto determinante de impactos sexuais dos problemas socioambientais (impactos específicos nas mulheres ou respostas específicas das mulheres).

Exemplos: a poluição de um rio impacta a saúde dos moradores de um território em geral e o trabalho das mulheres em particular, pelo fato de ser encarregadas de fornecer água para a casa, de limpar as roupas dentro do rio e de preparar as refeições (divisão sexual do trabalho).

Dessa forma, esse instrumento capta a imbricação entre gênero e território, em particular a forma como a violência contra o território se manifesta nas dinâmicas de gênero.

Obs.

- O enquadramento do “território”, dos “problemas” e “respostas” socioambientais e das participantes do Corpo-Território é a mesma que para o Rio da vida (ver apresentação acima).

- Ver o marco conceitual do Corpo-Território em: Haesbaert Rogério (2020), « Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais », *GEOgraphia*, vol. 22, nº 48. Ver também a abordagem feminista no texto (em francês): Falquet, Jules. « « Corps-territoire et territoire-Terre » : le féminisme communautaire au Guatemala. Entretien avec Lorena Cabnal », *Cahiers du Genre*, vol. 59, no. 2, 2015, pp. 73-89.

- Ver um exemplo de aplicação (com foco na saúde): “Pôster ‘Cuerpo-Territorio’. 10 problemáticas socio ambientales en la Argentina y Sudamérica, y sus graves consecuencias en la salud”, <https://violencia-economica.rosalux-ba.org/cuerpo-territorio/>

1.2 Para quê?

Permite captar a forma como os conflitos socioambientais e as respostas das agricultoras nos territórios atravessam seus corpos e como elas assim os representam, constituindo uma forma de

imbricação socioambiental. Incorpora sua relação com o território: os efeitos dessa relação sobre elas, através do corpo, e a mobilização do corpo para construir respostas.

1.3 Como fazer?

- Planejar a atividade com o coletivo de agricultoras. Idealmente, todas as agricultoras que participam da pesquisa de nível 1 estariam presentes. Pode (deve) haver mais agricultoras participando.
- Etapas e roteiro: ver abaixo.
- Pedir autorização para gravar e fotografar.
- Equipe: Duas ou três pessoas, sendo uma para facilitar a atividade, ler o texto, escrever e organizar as tarjetas, e outra para fazer os registros em caderno de campo e os registros fotográficos e de áudio (pensar em identificar citações).
- Material: folhas A0 e A4; canetas ponta grossa coloridas; giz de cêra; adesivos.
- Duração estimada: 1 período (manhã ou tarde).

1.4 Como registrar?

- Registro do processo de elaboração, das discussões em caderno de campo + gravação + registro fotográfico.
- Formato dos dados: .doc/.pdf, .jpg, .mp3.

2 Roteiro

2.1 Introdução da atividade

- Pensar no corpo como o primeiro nível do território, ideia de território vivido.
- Objetivo: construir uma visão coletiva do corpo-território a partir das experiências pessoais.
- Explicar o foco duplo, dando uns exemplos de problemas socioambientais e de respostas (práticas, resistências, mobilizações...) e das diferenças que pode haver entre mulheres e homens. Ex.: experiência das mulheres guatemalteca xinca e maya em defesa do corpo-território e do território-terra. Elas denunciaram os ataques ao território por parte de empresas mineiras. Mas insistiram sobre o fato que as mobilizações em defesa da terra não podem fechar os olhos sobre as violências contra as mulheres nesse mesmo território: é uma incoerência. Essas violências de gênero devem ser denunciadas e o corpo das mulheres deve ser entendido como objeto de poder político e de luta para a emancipação.

2.2 Conexão com corpo e território

- Desenho do corpo de uma mulher na folha em branco (contorno, cor, idade, estética, roupa...)

- Momento de conexão com o corpo, com os problemas e respostas socioambientais do território e com a experiência como mulheres (olhos fechados, texto, música de fundo...)
- Leitura do texto

Já de olhos fechados, pense no corpo que desenhamos no centro do círculo, pense que aquele corpo é seu corpo.

As vezes a correria é tão grande na sua vida, que você não tem tempo de sentir você, sentir seu corpo, o que ele diz.

É a partir do nosso corpo que podemos experimentar a vida.....sente com carinho e atenção o corpo que te permite estar aqui hoje.... o corpo que te permite sorrir te permite falar e te permite sofrer....

Pense nos seus pés, que te permite levantar todos os dias, pés que sentem o chão, que estão sempre próximos da terra.

Pensa nas suas pernas, que te sustentam, que permitem você caminhar por aí, conhecer lugares e chegar onde quer.

Pense nos seus braços, que te permitem abraçar e trabalhar... que as podem abrir para sentir melhor o vento.

Pense no seu peito, no seu coração, partes que as vezes estão pulando de alegria..... as vezes apertadas de angústia.

Seu estômago, sua barriga, o que dá para sentir?

Pense na sua cabeça, onde passam todos pensamentos... parte que te permite refletir sobre a vida...

Pense nas suas mãos... mãos que te permitem plantar, colher... cuidar e ser cuidada..

Cada parte sua sente... Sua cabeça, pernas, braços, útero, costas, peito, garganta, mãos, tudo sente...

Tudo que acontece com você... tudo que acontece em volta de você seu corpo sente...

Há cada injustiça uma parte dói, cada vez que destroem a natureza você sente. O que te dói?... Onde te dói?

A cada respiro de força e resistência você também sente... onde você sente?

O que sente de bom? O que sente de ruim?

Sendo mulher, o que você acha que sente diferente?

2.3 Tradução em tarjetas

Este momento é organizado por rodadas temáticas. Para cada momento é sugerido o número máximo de 3 tarjetas por participante.

1º momento: problemas socioambientais (uma cor: ex. amarelo) e seus efeitos no corpo

Cada participante escreve sobre até 3 problemas que sente em determinada parte do corpo.

Socialização, explicando como e por que cada problema é sentido em determinada parte do corpo. A ideia é sempre ligar com a experiência pessoal, evitando falas muito abstratas. Esses efeitos podem ser fisiológicos (dores, doenças, etc.), emocionais (medo, angústia em relação a uma ameaça, por ex. mineração chegando), psicológicos (tristeza, etc.), comportamentais (evitar algumas partes do território, mudar de rota, de hábitos de trabalho, etc.). As tarjetas são colocadas no pôster. Em cada rodada, cada mulher expõe uma tarjeta. Teria, a princípio, até 3 rodadas.

2º momento: relações de gênero (uma cor: ex. roxo)

Mesma metodologia. Antes de começar a escrever as tarjetas, a equipe pode dar destaque para as violências contra as mulheres (sentidas no corpo) e para o trabalho específico das mulheres (também sentido no corpo) que se relacionam com os problemas e as respostas já expostos. Ressaltando que pode ter aspectos tanto positivos quanto negativos.

3º momento: respostas (práticas, resistências, mobilizações...) socioambientais (uma cor: ex. verde)

Mesma metodologia. Antes de começar a escrever as tarjetas, a equipe pode dar destaque para a agroecologia, não descartando outros tipos de respostas.

Obs.: Se algumas mulheres trouxeram elementos do território (ex. plantas, etc.) podem usar na devolutiva dessa parte colocando no mapa, na parte do corpo relacionada.

2.4 Reflexão final

Roda de conversa sobre:

- Como foi fazer o exercício
- Características coletivas das experiências pessoais, rumo à politização. A equipe pode colocar suas percepções no final.

Nível 3 – Nos espaços de construção dos territórios



<https://www.youtube.com/embid/300iaC4nfq> 90% ☆

cba **Audiência Pública** 33:06

Projeto de Produção Sustentável de Bauxita na Zona da Mata
Processo LACJ 8/PJ COPAM Nº 3384/2019/001/2019

Avaliação Ambiental Integrada AAI

Sensibilidade dos aspectos físicos

Sensibilidade dos aspectos bióticos

Sensibilidade dos aspectos socioambientais

Avaliação de Impactos Ambientais Cumulativos e Sinérgicos

Indicadores de Impacto dos Aspectos Físicos

Indicadores de Impacto dos Aspectos Bióticos

Indicadores de Impacto dos Aspectos Socioambientais

Avaliação de Impactos Cumulativos e Sinérgicos

Modelagem Sensibilidade X Impactos

Fragilidades Socioambientais

Potencialidades Socioambientais

DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES

Companhia Brasileira de Alumínio

1 Apresentação

1.1 O quê?

Três instrumentos de observação dos “espaços de construção do território” que podem ser usados de forma complementar.

Os “espaços de construção do território” são os espaços onde as questões socioambientais e as relações de gênero que atravessam os territórios vividos pelas agricultoras (níveis 1 e 2) são debatidas ou disputadas e onde projetos feministas de transformação social podem surgir.

Obs. Os espaços de nível 3 podem ser diferentes e mais amplos que os de nível 2. Ex. o espaço do projeto Conexão Mata Atlântica, que afeta vários grupos ou coletivos de agricultoras nos municípios do Vale do Ribeira e de Minas.

Trata-se de identificar:

- Quais questões socioambientais são disputadas no território, por quem e como (quais paradigmas, relações de poder, etc.).
- Como as relações de gênero são disputadas no território, por quem e como, em particular na interseção com as questões socioambientais.
- Quais projetos feministas de transformação social surgem (ou não) no território, quem são as atrizes (ou atores), e como se relacionam com o anterior.

Os três instrumentos usados nesse nível são:

- A **observação** dos espaços de construção do território.
- A **entrevista** com interlocutores-chave
- A **coleta documentária**

Compartilham dos mesmos eixos de análise, resumidos no roteiro abaixo.

1.2 Para quê?

Esses dados servem para contextualizar as outras observações da pesquisa: como a construção de território em diferentes níveis interage com o trabalho e a vida das agricultoras agroecológicas no nível local, com seus processos de organização e com sua relação com a natureza.

Obs. A pesquisa de nível 3 é então apenas “funcional” à compreensão dos níveis 1 e 2. **O objetivo não é mapear todo o contexto territorial.**

1.3 Como fazer?

- Identificar os documentos, espaços e interlocutores-chave.

Essa identificação pode surgir dos níveis 1 (ex. a partir dos impactos socioambientais observados no nível local) e 2 (ex. espaços importantes de construção do território ou atores chave identificados pelas agricultoras).

Pensar também que existem espaços de construção do território onde as mulheres **não estão convidadas ou não estão presentes**, mas que precisamos observar.

Pode haver pessoas do poder público que têm contato com grandes empresas e outros informantes, ou acadêmicos que podem ajudar a identificar os espaços e as pautas em disputa no território ou as pessoas serem entrevistadas.

- Definir a ordem de observação (priorização, ordem lógica em função ao acesso à documentação/interlocutores/espaços e à fase da pesquisa de nível 3: exploração, precisão, aprofundamento, ...).
- Aplicação do instrumento – ver roteiro e especificações por instrumento abaixo.
- Em alguns casos (reunião virtual, entrevista no Skype/Zoom, etc.), é possível realizar pesquisa online.
- Equipe: quando possível uma dupla para completar as observações e enriquecer a análise.
- Gravação, fotografias (ex. reunião, evento) sempre quando possível.

1.4 Como registrar?

- **O relatório deve responder as perguntas do roteiro.**
Pode incluir também novas pistas a seguir (novo espaço a observar, interlocutor-chave a entrevistar, documento a ler).
- A gravação é usada para completar as anotações e para pegar citações.
- Formato dos dados: formato texto (.docx ou .odt) + formato áudio (.mp3 ou outro, gravação).
Formato foto (.jpeg, ...) e vídeo (.mp3...) se houver.

2 Roteiro

2.1 Concepções e narrativas sobre o território

- Como o território é apresentado, quais problemas e atores são considerados relevantes (ou não: ausências).
- Escala em que o território é abordado/disputado.
- Narrativas/concepções sobre meio ambiente (que palavras, paradigmas/valores, propostas/ações, etc.)
- Concepções/narrativas sobre gênero e outras relações de poder (raça, classe...) (que palavras, paradigmas/valores, propostas/ações, etc.)
- Projetos feministas?
- Articulação entre a questão ambiental e as relações sociais (gênero, raça, classe...)?

2.2 Problemas/conflitos socioambientais

- Quais problemas ou conflitos são identificados e por quê, percepção do objeto e da história desses problemas/conflitos (ex. poluição, destruição, limitação no acesso a bens naturais ou à terra, monocultura, mineração, demarcação, etc.)
- Percepção dos principais atores, organizações, coletivos involvid*s (direta- ou indiretamente)

2.3 Formas de controle e de ação no território

- Projetos, organização, formas de ação no território
- Fiscalização, normas legais e sua aplicação real
- Formas violentas, não negociadas, extrajudiciais.
- Tecnologias (ex. georeferenciamento, drones... / tecnologias alternativas) usadas para controlar / construir o território.
- Outras formas de ação ou de controle

Obs. Pode tratar-se de formas “negativas” de controle do território, que visam sua exploração, mas também de formas “positivas”, que visam sua defesa desde uma visão de justiça socioambiental.

2.4 Participação e relações de poder dentro dos espaços de construção do território

- Critérios formais e/ou informais de participação.
- Participação efetiva (mulheres/homens, que grupos sociais, que organizações, restrições relacionadas à classe, raça, gênero?...)
- Papéis de gênero (tipo participação diferenciada entre mulheres e homens?)
- Lutas e relações de poder nos espaços de construção do território e no próprio território.

Obs.: estes eixos devem ser sempre adaptados à interlocutor-triz e situação (ordem, forma de perguntar, perguntas que não se aplicam / perguntas adicionais).

3 Especificação adicional por instrumento

3.1 Pesquisa documentária

- Pode ser aplicada a páginas web de organizações, empresas, projetos, programas de governo, artigos de imprensa ou científicos, entrevistas com os atores sociais, etc.
- É importante identificar precisamente o documento (referência bibliográfica, endereço Internet, nome da organização/projeto/pessoa, função etc.).
- O registro no MEGA pode ser estruturado da seguinte forma:

- Identificação do documento
- Apresentação (resumo) do documento
- Análise transversal (por temas do roteiro)
- Pistas a seguir

3.2 Observação

- Pode ser aplicada a diferentes tipos de espaços de construção do território, tais como reuniões, seminários, audiências, rodas de conversa, encontros, marchas, etc. Pode haver espaços virtuais (webinário, reunião online, etc.)
- A observação pode ser participante (ex. reunião da AMA ou APA, da MMM) ou não.
- É importante identificar precisamente o tipo de espaço e os participantes (ver abaixo).
- O registro pode ter as seguintes seções:
 - Contexto e participação

Tipo de espaço (ex. institucional, político, científico, reunião, colóquio, conferência, debate, etc.) e contexto.

Como entramos nesse espaço (contato de quem? Papel no espaço? Alguma dificuldade pela nossa presença?)

Participantes (nomes, sexo, organizações e forma de se apresentar – como militante, científico*, sindicalista?....)
 - Resumo (ex. conteúdo da reunião)

Obs. As seguintes informações podem ser destacadas:

Quem faz a mediação e/ou a introdução e como - quais temas e os termos escolhidos para apresentar.

Em forma geral, quem fala e como?

Em particular como é participação das mulheres: elas falam, que mulheres falam, suas falas são valorizadas?

- Análise transversal (por temas do roteiro)
- Pistas a seguir

3.3 Entrevista com interlocutor-chave

- Pode ser aplicada com diferentes tipos de interlocutores (lideranças sociais, gestores públicos, representantes de empresas, acadêmicos, etc.)
- A entrevista pode acontecer em três momentos:
 - Apresentação da equipe e do projeto.

Nesse momento, pode ser abordada a questão da proteção dos dados pessoais: possibilidade de anonimizá-los ou não, ex. se a pessoa considera a entrevista como um posicionamento público.

Pedir autorização para gravar (uso interno).

- Identificação (perfil) da pessoa:
 - Nome²⁷ ou pseudônimo
 - Sexo/gênero
 - Identidade sociocultural (negra/parda/branca/indígena ou outra ex. quilombola), lugar de moradia (se relevante)
 - Trabalho / profissão
 - Organização / empresa na qual trabalha (se houver)
 - Participação política (sindicato, movimento, partido, etc) (se houver)
 - Qualquer outro dado relevante de identificação.
- Eixos do roteiro adaptados à pessoa (ordem das perguntas, forma contextualizada de perguntar, perguntas que não se aplicam, outras perguntas precisas...)
- O registro pode ter as seguintes seções:
 - Identificação da pessoa
 - Resumo da entrevista (na ordem que aconteceu, pode incluir citações e depoimentos fora do roteiro)
 - Análise transversal (por temas do roteiro)
 - Outros aspectos relevantes, se houver
 - Pistas a seguir

²⁷ Caso a pessoa concordar com uso no nosso banco de dados (MEGA) – não necessariamente para divulgação.

